

## A RESISTÊNCIA ARTÍSTICA

Durante o período da ditadura militar que assolou o país, e principalmente após a publicação do Ato Institucional Nº 5 (AI-5) que dava totais poderes ao governo e retirava dos cidadãos todos os direitos, muitos cantores, compositores, atores e jornalistas foram “convidados” a deixar o Brasil. Por conta disso os militares foram capazes de prender, sequestrar, torturar e exilar artistas e intelectuais.

A resistência artística, assim como a censura, tiveram diferentes fases durante o regime militar. A censura tinha seus limites, refletindo a linha do ambíguo e moderado marechal Castello Branco. Com o endurecimento do regime, após 1968, a resistência cultural passou a viver maus momentos. Funcionários da Divisão de Censura de Diversões Públicas da Polícia Federal se instalaram nas redações dos principais jornais e revistas, controlando tudo o que estava para ser publicado. Vira e mexe o espaço de notícias acabava preenchido por receitas culinárias e versos de Camões em sinal de protesto. A fúria do aparato repressivo resultou em teatros destruídos, no sequestro e interrogatório de compositores e escritores.

### TERRORISMO CULTURAL

Quando o regime endureceu, a censura e a repressão à produção cultural se intensificaram, foi gerado o que o escritor Alceu Amoroso de Lima classificava como “terrorismo cultural”, já que qualquer tipo de expressão cultural, seja recitada, cantada, escrita ou representada, era motivo para perseguição por parte do governo militar.

### O USO DE METÁFORAS

Para conseguirem divulgar seus trabalhos a arma era o uso de metáforas e mensagens disfarçadas nas músicas e peças teatrais. Foi à maneira que os compositores encontraram nos “anos de chumbo” para dar seu recado contornando a censura. Bom exemplo disso é a música *Apesar de Você*, de Chico Buarque. Lançada em 1970, a composição, que trata aparentemente de uma briga de namorados, pode ser interpretada como uma mensagem ao presidente Médici:

“*Você vai pagar e é dobrado / cada lágrima rolada / nesse meu penar / apesar de você / amanhã há de ser / outro dia / você vai se dar mal*”.

Mensagem que os sensores só entenderam após o compacto ter vendido mais de cem mil cópias

### PATRULHA IDEOLÓGICA

Era realmente dura a vida do artista nos tempos da ditadura. Resistir significava enfrentar não só a censura e o aparato repressivo do governo militar, mas também a “patrulha ideológica” da esquerda nacionalista. A prática da censura e da intolerância não era exclusividade da direita ou do regime. Universitários, jornalistas e artistas engajados, vigiavam toda a produção cultural no país e não poupavam ataques contra aqueles que consideravam “alienados”.

Durante a Era dos Festivais (1960-1972) setores alinhados à esquerda iniciaram uma campanha para combater a música produzida pela Jovem Guarda, por considerá-la alienante e fruto do “imperialismo cultural” Norte Americano. Em 1967, medida da Ordem dos Músicos do Brasil, claramente protecionista em favor da MPB, dificultaram a participação dos grupos e artistas da Jovem Guarda nos festivais. Nesse mesmo

ano, a “passeata contra a guitarra elétrica”, liderada por Elis Regina, Gilberto Gil, Edu Lobo, MPB-4 e Jair Rodrigues, transformou-se numa manifestação ideológica contra a turma da Jovem Guarda.

Um dos mais famosos episódios de “patrulha ideológica” atingiu o compositor e cantor Caetano Veloso. Sua apresentação ao lado do grupo OS Mutantes, no Festival Internacional da Canção de 1968, no Tuca em São Paulo foi marcado pelo conflito. A platéia universitária vaiava a canção *É Proibido Proibir*, inspirada no lema dos estudantes franceses do histórico maio de 1976, quando Caetano interrompeu a apresentação e inicia um discurso contra os jurados e o público.

O jornal *O Pasquim* também tinha seus “patrulheiros”, a exemplo do cartunista Henfil. Na charge *Cemitério dos Mortos Vivos*, publicada em 1972, aparecem nos túmulos os nomes de Dom e Ravel, Wilson Simonal, Bibi Ferreira, Zagalo, Jece Valadão e outras personalidades que ele considerava “alinhados” ao regime militar.

### A CONTRACULTURA

No período Geisel, a cultura e a resistência sofrem influência das idéias da contracultura. Era um movimento que pregava uma ação social e política de oposição à violência e aos valores da sociedade e defendia a liberdade sexual e a vida em comunidades. No Brasil, afetou especialmente o teatro e a música, então as principais frentes de contestação ao autoritarismo. Gilberto Gil, Caetano Veloso e os Novos Baianos - grupo que vivia em comunidade e reunia Moraes Moreira, Pepeu Gomes e Baby Consuelo - transformaram a busca pelo prazer no tema principal de suas canções. O lançamento do disco *Bicho*, de Caetano Veloso, é um marco da influência da contracultura. A faixa “*Odara*” que traz os versos “*deixa eu dançar/ pro meu corpo ficar odara*” (palavra africana que significa “sentir-se feliz”, levou a esquerda engajada a acusar a postura “bicho-grilo” de Caetano e dos Novos Baianos de ser alienada e alienante. Além dessa turma pós-tropicalista, a postura mais radical da contracultura influenciou a vertente roqueira nacional, representada pela debochada Rita Lee e pelo maluco beleza Raul Seixas.

### A CENSURA NO TEATRO E CINEMA

No teatro, Chico Buarque se baseou em um clássico para escrever com Paulo Pontes a peça *Gota d'Água*. Os autores transportaram o enredo da tragédia grega *Medéia* para uma favela em processo de reurbanização com a construção de um conjunto habitacional. A peça tinha como pano de fundo uma crítica ao “Milagre Econômico”, a partir da mobilização da população do morro contra os preços extorsivos das unidades postas à venda. Passou na censura.

### O VALENTE PASQUIM

A “Imprensa Nanica”, feita de revistas e jornais alternativos, formou outra trincheira contra o regime militar. Eram publicações produzidas por grupos independentes ou ligados a movimentos políticos e sociais. O tablóide *O Pasquim*, lançado em 1969, no Rio de Janeiro, era um dos destaques dos “nanicos”. Durante cinco anos e meio sofreu censura prévia, para sobreviver à censura o tablóide evitava confronto direto com o regime, mas abusava do humor negro para ironizar o “milagre econômico”. Também usava e abusava de metáforas e adotou uma linguagem coloquial, voltada para o público jovem.